Murilo Mendes e a dialética dos bárbaros

Valmir de Souza

Murilo Mendes (1901-1975) publicou *História do Brasil* em 1932, no contexto do primeiro movimento modernista. Na linha de um Oswald de Andrade, retoma episódios históricos com uma veia satírica. São os consagrados poemas-piada da fase heroica do Modernismo Brasileiro.

Em *História do Brasil*, o poeta reelabora o passado do País a contrapelo descortinando um outro movimento da história, mais denso e problemático. Torna os episódios passados em acontecimentos com densidade no presente. A estes fatos o Autor dá um tratamento poético e dinâmico.

Na leveza e "superficialidade" de *História do Brasil* se percebem os "relatos de conspiração" que explicitam uma tomada de posição quanto aos oprimidos da história brasileira. A resistência poética se dá pela simpatia ao mais fraco, numa perspectiva clara, pois os acontecimentos reaparecem no relato que desvela a realidade histórica, fazendo falar o que foi apagado da história. A poesia aí produz uma visão de mundo a "contrapelo da história", como diria o filósofo alemão Walter Benjamin.

Esse livro desconstroi os imaginários e os mitos de fundação do Brasil. O livro não é só conjuntural mas *estrutural,* pois remexe em estruturas profundas do *ethos* nacional. O livro desfossiliza o passado cultural e político, cujo autor se mostra atento ao processo cultural brasileiro. Vejamos o poema:

MARCHA FINAL DO GUARANI

Ninguém mais vive quieto na terra.

Outros deuses povoam o país

Ando agora vestido de fraque,

Pus no prego a gentil açoiaba.

O tacape enferruja num canto,

A bengala não largo da mão.

Sons agudos de inúbia não ouço,

Na vitrola só tangos escuto.

Já não tarda o fim desta raça.

Manitôs abandonam as tabas.

Meus irmãos, azulemos pra Europa:

O inimigo já chega bufando,

Na maloca já fogo tocaram...

Ó desgraça! ó ruína! ó Rondon!"

(Mendes, 1993: 183)

Em *História do Brasil*, as soluções imaginárias do poeta se transformam numa crítica radical dos modos de se representar os eventos e personagens históricos do País. A simpatia do poeta pelos derrotados da história se dá em vários poemas. Como é o caso de "Marcha final do guarani" onde se patenteia a identificação do autor com os habitantes da terra antes do descobrimento - indígenas -, e os mostre pela via irônica própria dos modernistas. O poeta faz uma compactação de eventos de longa duração.

Já o termo inicial no título, *marcha*, denota uma ação militar que anuncia uma derrota, pois é "final", o que indica o tom irônico do poema. O termo *marcha* também está associado à música que cita o "canto" do poeta romântico (Gonçalves Dias), mas também remete à Marcha de Carlos Gomes e à Marchinha como estilo musical.

O gesto triunfante de uma marcha dá lugar ao evento da destruição de povos colonizados. Não se opera aí a idealização do indígena. Esta postura "realística" faz parte de uma estratégia geral do livro, ao mostrar que o marginalizado que também não é totalmente vencido. Ao passar a voz lírica ao índio, o poeta também se inclui nesse procedimento, disfarçando-se nela, o que aponta para a empatia com os oprimidos já mencionada.

Os efeitos da catástrofe são anunciados de forma genérica e de modo solene logo no primeiro verso da primeira estrofe: "Ninguém mais vive quieto na terra." Instaura-se uma inquietação nos habitantes da terra. Na sequência, o poema indica a causa da perturbação e as

mudanças operadas: primeiro pela entrada de nova fé como se deduz do segundo verso: "Outros deuses povoam o país". Os "deuses", por metonímia, se referem aos homens com armas de fogo, evidenciando-se uma releitura do Arcadismo, com alusão específica ao *Caramuru* de Santa Rita Durão. Indiretamente, estas divindades também indicam práticas politeístas em contraposição ao monoteísmo cristão.

O gesto do guarani do poema ao vestir o fraque se refere à mudança para a cultura europeia. O índio de Murilo não se constituiria como figura de resistência a uma cultura dominante, mas seria assimilado dialeticamente pela cultura Ocidental. A luta desse índio se dá dentro dos limites culturais impostos pelo colonizador. Seria um diálogo com a cultura branca que, ambiguamente, também dá sustentação à formação cultural brasileira.

A situação de "aporia" final, em que há uma perda cultural, o poeta compensa pela atuação dentro da cultura incorporada. Assim, a opção pelo soneto, indica ainda outras possibilidades. Na forma do soneto, se dramatiza a tragédia da colonização, mas, como aponta Antonio Candido: Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma da expressão) (Candido, 2000: 101).

O tom satírico, característico do livro, corrói, por dentro da forma, num movimento dialético, os modelos artísticos mais tradicionais, ao mesmo tempo que, ao usá-los, realiza a sua preservação. Neste poema, ao atuar por dentro da forma tradicional, o autor debate de modo tenso com esta forma de escrita. Assim, a roupagem da linguagem – "a forma de expressão" - se espelha na formalidade da linguagem tradicional, incorporando o seu conteúdo.

Enfim, o "olho armado" de Murilo, com sua dissonância paralela ao modernismo, demonstra uma tensão entre forma tradicional e os efeitos de um processo cultural devastador. Produz-se, assim, um "ruído", atuando ironicamente *por dentro* da forma ao apontar que, no processo civilizador, houve um movimento de vitória e derrota parciais, visto que o oprimido usa de uma *astúcia* de sobrevivência ao se apropriar das "armas" culturais do colonizador.

Na história podemos ver dois tipos de brutalidade contra o ser humano: uma é a brutalidade do vencedor, que se faz de for sutil; a outra é a "brutalidade" do vencido que muitas vezes é exposta explicitamente que no fundo é uma reação às forças brutas do dominador. Na literatura que abordamos vemos como estão registradas a violência do colonizador e seus efeitos.

NOTA: Este post foi publicado como parte do artigo "Violência e resistência na literatura brasileira" no livro *Os sentidos da violência na história*. Organizado por Everaldo de Oliveira Andrade. São Paulo: LCTE, 2007.